

O enigma do sofrimento humano: reflexões a partir dos dados bíblicos

*The Enigma of Human Suffering:
Reflections from Biblical Data*

MARIA DE LOURDES CORRÊA LIMA*

Resumo: O presente trabalho, motivado pela situação de pandemia que atingiu a humanidade no início da década de 2020, busca oferecer reflexões sobre a origem, o sentido do sofrimento humano e as possíveis atitudes diante da dor. Concomitantemente, considera o chamado do Papa Francisco à sinodalidade como um traço providencial na atual situação humana e eclesial, marcada fortemente pelo isolamento e pela tão necessitada comunhão. O fio condutor do trabalho são textos bíblicos paradigmáticos que tocam a questão do sofrimento. Parte-se da mensagem do livro de Jó, que desenvolve o tema apresentando à avaliação do leitor diversos pontos de vista sobre a temática, até chegar a seu ápice, no final do escrito, com a apresentação da sua mesma tese. Em seguida, com a atenção voltada para passagens significativas do Novo Testamento, a temática é tratada à luz da mensagem cristã, que tem no mistério pascal sua síntese. Será dado um especial valor à teologia expressa nos escritos paulinos.

Palavras-chave: Pandemia. Sinodalidade. Sentido do sofrimento. Deus e o mal no mundo.

Abstract: The present work, motivated by the pandemic situation that hit humanity in the early 2020s, seeks to offer reflections on the origin, the meaning of human suffering, and possible attitudes towards pain. In parallel, it considers Pope Francis' call to synodality as a providential trait in the current human and ecclesial situation, strongly marked by isolation

* Maria de Lourdes Corrêa Lima é Doutora em Teologia (Bíblica) pela Pontificia Università Gregoriana, Roma. Professora da PUC-Rio contato: mlclima08@gmail.com

and so in need of communion. The main thread of the work is paradigmatic biblical texts that touch the issue of suffering. It starts from the message of the book of Job, which develops the theme by presenting to the reader's evaluation different points of view on the theme, until reaching its apex, at the end of the writing, with the presentation of his own thesis. With attention turned to significant passages of the New Testament, the theme is then treated in light of the Christian message, which has its synthesis in the paschal mystery. Special value is given to the theology expressed in Pauline writings.

Keywords: Pandemic. Synodality. Sense of suffering. God and evil in the world.

Introdução

A experiência de pandemia, vivida no início da década de 2020 por toda a humanidade, não só mostra de modo mais aguçado as precariedades da vida humana e dos modelos e sistemas de gerenciamento da vida social (em suas diversificadas dimensões), mas traz à tona as enormes deficiências de seus paradigmas dominantes ou que se fazem mais visíveis.

É desnecessário detalhar os aspectos que foram atingidos no campo social, econômico, político e existencial, já tão trabalhados e de tanta importância. Interessa-nos, aqui, porém, apontar alguns elementos que estão na base de tais paradigmas, dentre os quais destaca-se, sob o ponto de vista teológico, a mentalidade de autossuficiência do ser humano, com sua consequência natural: o prescindir ao menos prático, senão teórico, de Deus. Em outras palavras, o ser humano como determinante de sua vida, como norma absoluta, como senhor e dominador da natureza e da vida humana em suas diversas dimensões. A isto, conecta-se estreitamente a questão da impossibilidade de se evitar todo sofrimento e, por fim, derivada desta, de se evitar totalmente a morte e suas circunstâncias. Revela-se, assim, tanto a mais atual necessidade de aprofundamento desses temas existenciais fundamentais. Primeiramente, a questão da origem e do sentido do sofrimento, relacionando-os com a providência divina, o governo de Deus no mundo, o valor salvífico da cruz de Cristo e da vida cristã unida a ele. Em segundo lugar, o comportamento cristão diante do

sofrimento, de ameaças à vida, e sobre a morte. Em terceiro lugar, o sentido de solidariedade e comunhão em Cristo, que pode dar uma resposta real ao isolamento e à solidão, na certeza de uma união mesmo diante de uma separação física.

É neste contexto que se situa o presente texto. Seu escopo tomará como fio condutor alguns pontos fortes presentes na Sagrada Escritura. Ao mesmo tempo, porém, procurará demonstrar como o chamado à reflexão sobre a sinodalidade, que marca a etapa atual da vida eclesial, pode oferecer reais contribuições para o enfrentamento da hodierna situação.

Com tais finalidades, será desenvolvida, primeiramente, a questão do sofrimento tal como tematizada no Livro de Jó, obra que, por sua profundidade, influenciou e continua a influenciar grandes pensadores. Sua mensagem, com efeito, se desenvolve em torno do tema da origem e do sentido do sofrimento e da atitude humana em relação a ele. A revelação cristã, que ocupará o segundo ponto deste trabalho, analisará o *proprium* da mensagem cristã, considerando o cenário anteriormente apresentado. Transversalmente, será evocado o tema da sinodalidade.

1 A questão do sofrimento e a reação humana a ele: o Livro de Jó

1.1 O drama de Jó e sua primeira interpretação

O livro de Jó desenvolve-se a partir da narrativa presente nos dois primeiros capítulos, que apresentam o protagonista e os acontecimentos que o atingiram. Seu drama desemboca na cena em que três amigos seus vêm ao seu encontro (Jó 2,11-13), colocação que prepara a segunda grande parte da obra, que tem início no capítulo terceiro.

A temática que serve como fio condutor da trama do livro é a de um homem justo que não só perde todos os seus bens materiais e seus filhos, mas também é afetado por uma doença humilhante, que o coloca num estado tão lamentável quanto o de um leproso em épocas antigas. Trata-se, assim, da questão do justo que sofre. O sofrimento humano é uma realidade que ocupa o pensamento da humanidade desde épocas remotas. Já o texto egípcio *O desesperado e sua alma* (do final do terceiro milênio a.C.) expõe o diálogo entre um homem que não encontra mais sentido em sua vida marcada pela dor e pretende,

por isso, o suicídio, e sua alma, que tenta dissuadi-lo de seu intento (ARAÚJO, 2000, p. 207-214; PRITCHARD, 1969, p. 405-407). Do mesmo período, ligado aos sumérios, encontra-se a obra *O indivíduo e o seu deus pessoal*¹, em que um homem se dirige a seu deus de devoção em meio às calamidades por que passa. É liberado do sofrimento após confessar suas culpas. Na literatura babilônica, encontra-se o *Poema do justo sofredor* (ou *Quero louvar o senhor da sabedoria*)², um monólogo em que um justo que perdeu seus bens adoeceu gravemente e foi marginalizado pela sociedade louva Marduk pela sua restauração. De um tempo mais adiantado é a *Teodiceia Babilônica*³, na qual um justo sofredor defende sua inocência, enquanto os amigos, que com ele dialogam, afirmam a tese de que ele deve ter provocado a ira dos deuses, e por isso sofre – assim, somente os deuses lhe podem restaurar a felicidade. Com exceção do texto egípcio, cuja solução para o sofrimento é simplesmente aproveitar os momentos favoráveis da vida, os textos mesopotâmicos apresentam que o sofrimento, estreitamente ligado ao pecado, pode ser solucionado pelo recurso aos deuses. Eles é que detêm o poder de liberar da dor, ao fazer justiça ao indivíduo (SIMIAN-YOFRE, 2005, p. 11-30).

O Livro de Jó, que desenvolve tema semelhante, apresenta, contudo, uma visão religiosa mais profunda no tratamento do tema e aponta para uma solução diversa. O protagonista, Jó, é descrito e colocado como modelo de justiça. Por três vezes é dito que é íntegro, justo, piedoso e religioso. Como numa síntese, acrescenta-se que ele “se aparta do mal” (Jó 1,1.8; 2,3). Seu perfeito bem-estar aparece enquanto Jó é apresentado como pai de uma família numerosa, com um número (simbólico) perfeito de filhos e filhas, além de ter muitos bens (Jó 1,2-4). Descreve-se, assim, o cenário para a colocação da temática do livro.

O livro tece o drama, considerando uma disputa entre o satã⁴ e Deus. O Todo Poderoso Deus elogia Jó por suas qualidades, que são questionadas pelo adversário como interesseiras: o homem

1 Datado em torno de 2000 a.C.; ANET 589-591.

2 Em torno de 1500-1200 a.C.; ANET 596-600.

3 Também conhecido como “Diálogo de um sofredor com o seu amigo” ou “Diálogo acerca da miséria humana”; em torno de 1000 a.C.; ANET 601-604.

4 O termo hebraico *śāṭān* é, no livro de Jó, precedido de artigo definido, tendo, portanto, sentido de um nome comum: o acusador, o adversário (Nm 22,22.32; 1Sm 29,4; 2Sm 19,23; 1Rs 5,18).

protagonista as cultiva para poder ser abençoado por Deus e, assim, desfrutar de uma família pródiga e de muitas riquezas. Na mentalidade israelita, durante vários séculos, a justiça divina deveria realizar-se na história, premiando os justos e punindo os ímpios. Vida longa, muitos filhos e bem-estar eram vistos como bênçãos de Deus em recompensa à fidelidade humana; morte prematura ou particularmente dolorosa ou problemática, falta da prole e pobreza eram considerados o contraponto de uma vida de impiedade (Dt 28,15-68). Tal teoria de retribuição na vida presente decorria da visão escatológica então em vigor: após a morte, estava reservada a todos a mesma sorte, independentemente da vida que cada um levou, de fidelidade ou não. Todos iriam ao “xeol”, lugar de sombras, de esquecimento, em que não havia mais possibilidade de comunicação nem mesmo com Deus⁵. Em tal visão escatológica, não ocorrendo a justa recompensa após a morte, se Deus é realmente justo, Ele deveria, aqui, neste mundo, recompensar os bons e punir os maus. Consequentemente, todo sofrimento neste mundo deveria ser explicado a partir de faltas pessoais cometidas. A experiência humana, todavia, demonstra que a situação não é sempre essa. Há ímpios que prosperam e justos que sofrem. Como, então, entender o sofrimento? O Livro de Jó girará em torno desta pergunta e, para isso, apresenta, numa ficção literária, um diálogo entre Deus e o satã, um adversário de Deus e da humanidade que se apresenta a ele.

Colocando uma questão na boca do satã, o texto leva o leitor a refletir sobre os limites da teoria da retribuição:

É por nada que Jó teme a Deus? Porventura não levantaste um muro de proteção ao redor dele, de sua casa e de todos os seus bens? Abençoaste a obra das suas mãos e seus rebanhos cobrem toda a região. Mas estende tua mão e toca nos seus bens; eu te garanto que te lançará maldições em rosto (Jó 1,9b-11).

Deus aceita o desafio do satã e, assim, se mostra com clareza que o sofrimento não provém de atos cometidos por Jó. O sofrimento que sobrevém a Jó é obra do satã e não punição de Deus; mas não sai do controle de Deus, pois depende da permissão Divina, que lhe impõe limites (Jó 1,12; 2,6). A atitude de Jó nas provas por que passa confirma sua justiça (Jó 1,21-22; 2,9.10b), de modo que se evidencia

5 Jó 10,21; Sl 6,6; 88,6.11-13; Is 38,18-19.

que Deus permite o sofrimento como prova para o justo, pois sabe que este a superará e demonstrará, assim, ser realmente íntegro. Colocando esses diversos pontos de vista, o prólogo do livro apresenta ao leitor variados modos de explicar o sofrimento – sobretudo o do justo, particularmente problemático segundo a ótica humana – e exige dele uma reflexão. A última resposta virá somente no final do escrito.

Na trama do livro, contudo, para Jó, que nada sabe do que se passou entre Deus e o satã, é Deus o responsável por tudo: é quem dá e tira (Jó 1,20-21; 2,10). Sua resignação e fidelidade a Deus, mesmo diante da dor, apresenta ao leitor uma primeira atitude diante do sofrimento.

1.2 O drama de Jó em discussão

Após as cenas iniciais, o livro desenvolve o diálogo dos amigos que foram ao encontro do protagonista (Jó 3–31), diálogo que é complementado por discursos de um quarto visitante, Eliú (Jó 32–37). Chega, enfim, aos discursos de Deus, aos quais Jó responde com breves palavras (Jó 38,1-42,6).

Na conversa com os amigos, a conduta de Jó, diante do sofrimento, muda radicalmente. O silêncio e a resignação iniciais dão lugar a uma áspera lamentação (Jó 3,3.10), que expressa seu sentimento de ser abandonado por Deus (Jó 30,20-21). Os amigos apresentam o sofrimento sobretudo como consequência do pecado pessoal (Jó 4,7-9; 8,1-7), embora apontem também para outras possíveis explicações: o sofrimento é inevitável, devido à fragilidade natural do homem; por natureza, o homem é sujeito à dor (Jó 15,14). Mas não deixam de mencionar que pode ser igualmente um meio pedagógico divino, uma maneira de levar o homem a entender que o pecado é um erro (Jó 33,29-30; 36,8-10), ou então um caminho de purificação, para que o justo seja ainda mais justo (Jó 33,13-18; 36,15-16). Diante disso, Jó afirma sua inocência (Jó 6,25-30; 13,6.18), se autodefende (Jó 31,5 - 6), se revolta contra Deus e o acusa (Jó 9,14-24). Ao mesmo tempo, busca nele socorro (Jó 10,8-9) e tem a esperança de ser libertado de seus males (Jó 19,23-27)⁶.

6 Em Jó 19,23-27, a libertação da morte, dentro da perspectiva do livro, que ainda se move dentro da doutrina do xeol (Jó 30,23-24; 14,7-12.14), significa continuar em vida: “em minha carne verei a Deus” (v. 26). Para o cristão, contudo, a fé na ressurreição leva a considerar o texto como a grande esperança de participar da vida eterna (v. 25).

Em todos esses argumentos, Deus continua a ser tematizado como Aquele que remunera os bons e pune os ímpios, de modo que todo o diálogo com os amigos e os discursos de Eliú estão sempre no horizonte da teoria da retribuição. O próprio Jó raciocina segundo os ditames dessa doutrina: ele é justo – por que Deus o punia, então? O justo não deveria sofrer (Jó 10,2.5-7; 13,18.23-27). O agir de Deus lhe parece contraditório: “Acaso são os teus dias como os de um mortal e teus anos como os dias do homem, para indagares minha culpa e examinares meu pecado, quando sabes que não sou culpado e que ninguém me pode livrar de tuas mãos?” (Jó 10,5-7).

1.3 O confronto entre Deus e Jó

Após as longas falas dos amigos e de Jó, Deus finalmente toma a palavra. Seus dois discursos são enquadrados numa teofania, de modo a inculcar seu poder (Jó 38,1; 40,6). Neles, Deus não responde diretamente aos questionamentos de Jó, não diz se os amigos têm ou não razão, mas muda completamente o foco. Fala da criação e de seus mistérios, mostrando que Jó é incapaz de pôr ordem no mundo ou de compreendê-lo. Deus, ao contrário, domina o universo e o controla (Jó 38,8-11.16.19; 40,25) (ANDERSEN, 2008. p. 290).

A estratégia, nos dois casos, é a mesma: enquanto se demonstra o poder e a sabedoria de Deus manifestada na natureza, torna-se patente a incapacidade de Jó de entender os fenômenos naturais e, muito menos, de controlá-los (Jó 40,7-14). Implicitamente, indica-se que, como o cosmo é manifestação da grandeza e sabedoria de Deus (Jó 38,5-7), incompreensível aos mortais, e está sob seu controle, assim, analogamente, é o sofrimento. Como Deus está presente à sua criação e a estabelece com ordem, dela cuidando, assim também em relação ao ser humano e às vicissitudes de sua existência (Jó 38,39-41)⁷. É o que atesta Jó: “Reconheço que tudo podes e nenhum dos teus desígnios fica frustrado” (Jó 42,2). A natureza é harmônica, ordenada; o sofrimento integra-se nessa harmonia, mesmo que Jó não o entenda. Deus tem desígnios para o mundo, controla-o; Jó é incapaz de entender seu sentido. Se ele não consegue entender o cosmo, a natureza, como poderia entender o sofrimento humano? Jó, então, se dá por vencido, reconhece sua pequenez e sua leviandade, numa breve confissão de

7 Outro modo de compreender a função dos discursos divinos no contexto do livro seria percebê-los, sobretudo, como um modo de mostrar a presença divina ao ser humano em sua situação de dor (CARBAJOSA, 2021, p. 79).

culpa: “Eis que falei levemente: que poderei responder-te? Porei minha mão sobre a boca. Falei uma vez, não responderei; duas vezes, nada mais acrescentarei” (Jó 40,4-5).

Jó reconhece a grandeza e o poder de Deus e confessa sua ignorância (Jó 42,2-3). “Falei de coisas que não entendia, de maravilhas que me ultrapassam” (Jó 42,3b).

Chega, contudo, além; se antes ele até se opusera a Deus e O questionara, agora percebe que a vida humana e seus acontecimentos não estão fora da providência de um Deus criador que cuida do universo e, portanto, também dos seres humanos. Alcança, dessa maneira, um conhecimento mais profundo de Deus: “Eu te conhecia de ouvido, mas agora meus olhos te viram” (Jó 42,5). Antes do encontro pessoal com Deus, Jó entendia o sofrimento no âmbito da remuneração na vida presente: conhecia ao Senhor Deus pela teoria vigente, que ele ouvira e recebera de outros⁸. Após o encontro, ele supera essa ideia: chega a um conhecimento mais profundo de Deus, expresso na metáfora do “ver”. Mesmo que não consiga decifrar totalmente o sentido do sofrimento, que permanece para ele um mistério, sabe que este não sai do controle divino, de sua providência (TERRIEN, 1994, p. 300, nota 4). Dessa forma, fica evidenciado que o sofrimento não pode ser concebido numa relação direta com a culpa pessoal: a teoria da retribuição é definitivamente superada, mesmo que não se abra uma solução cabal para o drama da dor humana.

Jó muda de atitude pelo silêncio (Jó 40,4-5) e pela abertura a Deus. Após as palavras divinas, ele retorna à sua atitude inicial, de submissão e conformidade ao Senhor (Jó 1,20-21; 2,10). Agora, porém, numa nova relação. Deus deixa de ser uma teoria, um objeto de discurso, para ser Alguém com quem ele pode entrar em relação (VILCHEZ LÍNDEZ, 1995, p. 163).

1.4 Deus e o sofrimento

Colocando em questão a tese tradicional que vinculava o sofrimento à culpa pessoal, o Livro de Jó levanta o tema da justiça divina. Nesse sentido, o livro tem seu centro na questão de Deus: quem é este Deus que permite ou mesmo é responsável (Jó 1,21) pelo sofrimento do justo? Para além da temática de superfície – o

8 Pode-se entender também que Jó passa do conhecimento de Deus em seu poder para o conhecimento de Deus em íntima relação com ele (CARBAJOSA, 2021, p. 73).

sofrimento do justo –, a obra reflete sobre Deus e sua relação com a dor humana: é ele sua causa? (COX, 1990, p. 25)? Por que Deus permite o mal no mundo? E a questão daí derivada: Qual o sentido da dor? Em outros termos: “Não é a existência do sofrimento que é trágica, mas a existência de uma divindade responsável por ele” (COX, 1990, p. 26).

Colocando, na culminância de seu desenvolvimento, o discurso de Deus e a resposta de Jó a Ele, o livro indica que é necessário repensar a concepção de Deus. Os discursos divinos, que apontam para o sofrimento como um mistério, indicam igualmente que Deus se encontra para além da capacidade humana de compreendê-Lo. Segundo a perspectiva do livro, mesmo que se possa ter dele uma ideia, através da consideração da natureza, o próprio de Deus escapa ao homem. Versando sobre a natureza, os discursos divinos abrem, assim, para o tema de Deus mesmo (SCHWIENHORST-SCHÖNBERGER, 2004, p. 346-347). Fica evidenciado, então, que o sofrimento tem, para Deus, um sentido, mesmo se o homem não o compreende em sua própria lógica e seus critérios (COX, 1990, p. 106). O problema do mal e do sofrimento não é resolvido, mas chega-se a perceber a grandeza de Deus e Seu cuidado pela criação e, conseqüentemente, pela vida humana. Deus mantém o domínio sobre o sofrimento com sua providência e não segundo uma lógica puramente humana. Ultrapassando a teoria da retribuição, que justificava Deus diante do sofrimento, o livro apresenta-O não numa atitude de autodefesa diante das acusações de Jó, mas na revelação pura e simples de sua Pessoa divina, que transcende as categorias meramente humanas.

No epílogo do livro, a sorte final do protagonista é radicalmente mudada, e ele vê restaurada sua saúde e sua família e aumentada sua riqueza (Jó 42,7-17). Com isso, estaria o livro retornando à teoria da retribuição? Tal não se pode dizer, pois este final feliz supõe tudo o que antes foi narrado na obra. Supõe, portanto, que Jó não entende Deus como remunerador dos bons, que compreende que sua justiça ultrapassa a avaliação humana. Jó, agora, teve seu encontro pessoal com Deus (COX, 1990, p.135-142). Além disso, a nova situação, que é feliz, não é conectada, no desenrolar destes versículos, à justiça do protagonista. Por fim, com tal conclusão, afirma-se que é Deus quem tem a última palavra e que as ações do satã, que trouxeram sofrimentos a Jó, são agora anuladas. Deus tem poder sobre o sofrimento e pode mudar a situação.

1.5 A solidariedade no sofrimento

O sofrimento que recai sobre Jó coloca-o numa situação de solidão e isolamento. A única pessoa que resta de sua família, sua esposa, ultraja-o (Jó 2,9). Em dois momentos, porém, é evidenciada de modo particular a solidariedade. A primeira, em sua dor; a segunda, em sua restauração.

No primeiro momento, a finalidade dos amigos, que vêm para junto de Jó para “compartilhar sua dor e consolá-lo” (Jó 2,11-13), parece não se coadunar com a forte oposição que lhe fazem em seus diálogos. De início, sua solidariedade se manifesta no estar junto dele em silêncio. Mas, a seguir, suas palavras, que chegam inclusive à acusação, podem ser consideradas o apoio que pretendem dar?

Apesar da dureza de seus discursos, é possível, sim, compreender a ação dos amigos como um modo de cuidado. Pois sua finalidade é conduzir Jó a refletir, a se acusar de seus pecados, para assim – conforme pensam – chegar a ser restabelecido por Deus. Mesmo nos momentos mais fortes, abrem a Jó uma esperança (Jó 5,17-27; 8,20-22; 11,13-19).

Além disso, de algum modo, procuram amenizar a dor do sofredor, apresentando também outros possíveis sentidos para o sofrimento. Se Jó diz ser inocente, assumir o sofrimento como meio através do qual Deus o conduz a ser mais e melhor não deixa de ser uma solução promissora para superar a dor. O mesmo se dá se o sofrimento for visto como algo conatural à fragilidade de humana e, portanto, como algo do qual ninguém se pode eximir. Evidentemente, porém, não se resolve realmente o problema.

O segundo momento de solidariedade aparece no epílogo do livro, quando os parentes e amigos de Jó vêm ao seu encontro, ao serem informados de sua restauração (Jó 42,11). Seria possível dizer que esta solidariedade chega um pouco tarde. Sim; porém, é necessário que seja manifestada também no momento de felicidade. Segundo a mentalidade israelita, a felicidade não pode ser vivenciada na solidão; deve ser compartilhada com outros. É importante que a comunidade esteja presente também nos momentos felizes; sem ela, eles não seriam completos⁹.

9 Isto aparece, por exemplo, em passagens de ação de graças em Salmos: Sl 22,23-24; 34,4-5; 40,17; 66,16.

Nesse sentido, no momento tanto da dor, como da alegria, a presença de pessoas amigas demonstra sua importância, seja como presença solidária seja levando-o a refletir ou ainda compartilhando com ele a bênção divina.

2 A questão do sofrimento e a reação a ele: aspectos do Novo Testamento

2.1 A releitura cristã do drama de Jó: o sentido do sofrimento e a conduta diante dele

O livro de Jó coloca à reflexão do leitor várias explicações para o sentido do sofrimento. Negando, *a priori*, que o sofrimento seja diretamente ligado a uma culpa pessoal, tese defendida pelos amigos do protagonista não deixa de indicar que pode ter finalidade pedagógica, seja como prova para o justo e sua purificação, seja em vista de o pecador cair em si e converter-se. A fé cristã fornece ao sofrimento, no entanto, um sentido maior, dentro da revelação de Deus; sentido que só pode ser desvendado em Cristo. Cristo confere ao sofrimento uma dimensão salvífica. O Santo Padre João Paulo II, em sua encíclica *Salvifici Doloris*, de 11 de fevereiro de 1984, aborda longamente esse tema, explana a mensagem do livro de Jó e oferece a visão cristã da temática.

O texto pontifício ensina que a dor pode apresentar um sentido educativo, com a finalidade de levar o homem a perceber seus erros e corrigir-se (SD 12). O valor do sofrimento, neste caso, consiste em que, pela conversão, o mal criado no indivíduo pelo pecado é superado, e o bem afetado é reconstruído. Valor educativo é também o de levar a pessoa a modelar-se pelo bem, afastando-se do mal, atitude que implica um novo reconhecimento de Deus como único ordenador da vida humana em suas diversas dimensões. O homem, com suas decisões, sai do centro para dar a Deus a centralidade. Com isso, é construída de maneira nova a relação com Deus. O livro de Jó já apontara para isso nas últimas palavras do protagonista: “eu te conhecia de ouvido; agora, meus olhos de viram” (Jó 42,5). Como na parábola de Lc 15,11-32, o retorno do filho à casa paterna inaugura uma nova relação com o pai. Reordenando a relação com Deus, a conversão reordena simultaneamente a relação com a comunidade humana, pois o próprio sujeito se torna mais aberto ao amor.

Tais considerações podem-se atribuir também ao sofrimento enquanto prova e purificação. Uma vez que o processo de conversão do ser humano a Deus é presente durante toda a sua vida, renovação e crescimento são sempre necessários.

De outro lado, o livro de Jó se conclui com a tese de que o sofrimento é um mistério, cujo significado encontra-se oculto para o homem, mas é não só conhecido por Deus, como, ainda, se situa em sua providência. Também na revelação cristã, nem todo sofrimento tem seu sentido evidenciado no presente (SD 13). Porém, a mensagem evangélica traz notas absolutamente novas. Pois, no Novo Testamento, o mistério de Deus é revelado em Jesus Cristo como amor absoluto (1Jo 4,16), que se doa “até o fim” (Jo 13,1). Dessa forma, é em Jesus Cristo que se pode entrever o sentido do sofrimento, mesmo que este não fique sempre totalmente patente no hoje do cristão.

Se o amor de Deus se revela na entrega de seu Filho ao “mundo” (Jo 3,16), é possível, segundo a mensagem cristã, entrever algo do sentido do sofrimento na medida em que se descobre o amor de Deus. Este amor se manifesta na vinda do Filho à história (a encarnação do Verbo divino), em toda a sua vida, que inclui também sua morte ignominiosa e conduz à sua gloriosa ressurreição. De maneira particular, este amor se manifesta, de modo paradoxal, na cruz (CORDOVILLA PÉREZ, 2021, p. 80-98), que é entrega em favor da redenção, do perdão absoluto (Lc 23,34), da nova vida que se abre através da fé e do que daí decorre. O sentido do sofrimento pode ser alcançado, pois, de algum modo, na percepção do amor de Deus na própria cruz de Cristo e, assim, na “cruz” de cada homem (SD 26).

Experimentando os limites humanos nas situações de dor, o homem é chamado a ultrapassar respostas fáceis e adentrar-se mais e mais no mistério da vida, marcado pelo amor de Deus patenteado na vida de doação de Jesus Cristo. O sentido do sofrimento pode ser vislumbrado, portanto, quando o homem se coloca na reflexão contemplativa da vida de Jesus e no seu seguimento (“tomar a sua cruz e seguir-me”: Mc 8,34) (HAAG, 2011, p. 1521). Não se trata aqui de um movimento meramente exterior, mas fundamentalmente de uma adesão à sua Pessoa, e, assim, de um influxo real da graça de Cristo, que reconstrói o homem a partir de dentro e lhe dá, dessa forma, participação no Seu amor. E, com isso, participação também na sua vida de amor e entrega pela humanidade. O sofrimento, assim,

deixa de ser simplesmente uma situação a ser vivida passivamente para se tornar uma vocação, uma interpelação divina que exige uma resposta (SD 26).

Com estas novas perspectivas, a conduta do cristão diante da dor exige algo a mais do que expressou o livro de Jó. Sem dúvida, permanece a atitude de submissão a Deus, de adoração a Ele e de abertura à sua providência, como expressa nos primeiros capítulos do livro (Jó 1,20-21; 2,10). A atitude de lamento, de abertura do coração diante de Deus, elogiada no final do livro (Jó 42,8¹⁰), igualmente, não encontra na mensagem do Novo Testamento, enquanto atitude existencial, um contraditório: o próprio Jesus, na cruz, manifestou ao Pai sua angústia (Mt 27,46; Mc 15,33; Lc 22,42). Mas tudo isso ocorre, a partir da revelação neotestamentária, com uma motivação nova, na medida em que este Deus se manifesta como amor, e pôde ser superado por Jesus na sua entrega à vontade cheia de amor do Pai (Mt 26,39; Mc 14,36; Lc 22,42; Jo 18,4-5).

2.2 A releitura cristã do drama de Jó: a solidariedade no sofrimento

O Novo Testamento revela, ainda, com maior profundidade do que o Antigo, a importância da dimensão de solidariedade no sofrimento. Seu fundamento está no fato de que, pelo batismo, o cristão é realmente incorporado a Cristo. A analogia da videira e seus ramos (Jo 15,1-5) mostra o cristão enxertado em Cristo, vivendo de sua própria vida, tornando-se, de certa forma, um com Ele (Gl 2,20; Fl 1,21). A partir desta inserção, o cristão encontra-se em comunhão também com todos os que participam da mesma vida, do mesmo corpo (1Cor 12,12): uma profunda solidariedade, a partir da comunhão com Cristo, entre todos os membros.

Paulo expressa bem esta dimensão em relação às dificuldades da vida presente. Texto paradigmático é Cl 1,24: “Encontro minha alegria nos sofrimentos por vós e levo a cumprimento o que falta às tribulações de Cristo na minha carne pelo seu corpo, a Igreja”.

10 Muitas traduções trazem: “não falastes corretamente de mim como o fez o meu servo Jó”. Schwienhorst-Schönberger segue M. Oeming e K. Schmid, que traduzem a preposição 'el, conforme o seu uso em outros textos do livro (assim também Jó 1,7; 2,10), no sentido de direção: “a mim” (SCHWIENHORST-SCHÖNBERGER, 2011, p. 245-246). Nessa direção vão também a Vulgata e a Neo-Vulgata: “*quoniam non estis locuti coram me rectum sicut servus meus Iob*”.

Trata-se, aqui, do que falta de tribulações na própria vida do apóstolo (ALLETTI, 1994, p. 121-122). Em suas dificuldades, ele sofre, como Cristo, em favor da comunidade cristã. É possível que se esteja aqui indicando que as tribulações pelas quais passou são devidas ao anúncio do Evangelho – portanto, por causa de Jesus; ou ainda que são semelhantes àquelas sofridas por Jesus (perseguição, ódio e rejeição); ou também que são, como as de Jesus, sofridas pela Igreja. Tais sentidos não se contrapõem reciprocamente e poderiam estar aqui subentendidos. Sob a perspectiva da comunhão no corpo de Cristo, seu sofrimento contribui para o crescimento da Igreja (Cl 1,18), pois é devido à sua obra na difusão do Evangelho, que tem por mira anunciar a salvação a todos e a todos levar a redenção.

Dentre outros textos, destaca-se igualmente 2Cor 4,10-12, em que o sofrimento aparece como algo essencial à vida do apóstolo: ele carrega em seu ministério “a morte de Jesus” (vv. 10-11) – toda a sua vida considerada sob o prisma da entrega que culmina na cruz (FURNISH, 1984, p. 283) – e assim os destinatários de seu labor apostólico podem ter acesso à “vida” (v. 12).

Em outras palavras, o sofrimento do apóstolo (e, de modo genérico, do cristão) não tem somente valor pessoal, enquanto medeia o aprofundamento da comunhão com Cristo; mas valor comunitário, enquanto por ele a salvação de Cristo alcança o mundo. É um modo de o amor oblato de Jesus continuar no decorrer dos tempos. Também nesse sentido, a dor é chamado de Deus, a um tempo, à união ao amor Dele, manifestado particularmente na cruz e à participação na sua obra salvífica em prol da humanidade. A partir daí, o cristão pode encontrar novo sentido em seu sofrimento, na sua vida pessoal e comunitária e na sociedade como um todo. O sofrimento recebe valor redentor: “À medida que o homem toma a sua cruz, unindo-se espiritualmente à Cruz de Cristo, vai-se-lhe manifestando mais o sentido salvífico do sofrimento. (...) este sentido salvífico (...) torna-se, de algum modo, a sua resposta pessoal” (SD 26).

De modo paradoxal, aquilo que à primeira vista criava a maior desarmonia no interior do ser humano e na vida social torna-se possível fonte de integração e amadurecimento, crescimento no amor a Deus e ao próximo. “E é então que o homem encontra no seu sofrimento a paz interior e mesmo a alegria espiritual” (SD 26).

2.3 A vida cristã na tensão entre o sofrimento presente e a glória futura

A dimensão histórica comporta uma tensão existencial; que une a redenção já realizada em Cristo e operada no cristão pelo batismo, e a condição de peregrinação em vista de uma meta, a qual comporta incertezas e sofrimentos e, por fim, a morte. Esta, todavia, não é o fim de toda esperança, mas, para o cristão, a inauguração de uma nova existência em vida plena. A fé na ressurreição de Cristo e na futura ressurreição para a vida oferece o motivo último para a mais segura esperança: “naquele tempo (antes do anúncio do Evangelho) estáveis sem Cristo, ... sem esperança e sem Deus no mundo. Agora, porém, em Cristo Jesus ...” (Ef 2,12-13). Em Cristo é inaugurado um “agora” qualitativamente diferente. As dificuldades da vida presente são ocasiões, assim, de cultivo da confiança na realização da vida eterna prometida, são chances de uma entrega generosa na fé e no amor:

Justificados pela fé, estamos em paz com Deus por nosso Senhor Jesus Cristo, por quem tivemos acesso, pela fé, a esta graça, na qual estamos firmes e nos gloriamos na esperança da glória de Deus. E não é só. Nós nos gloriamos também nas tribulações, sabendo que a tribulação produz a perseverança, a perseverança a virtude comprovada, a virtude comprovada, a esperança. E a esperança não decepciona, porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo, que nos foi dado (Rm 5,1-5).

A dor e o sofrimento podem-se transformar num caminho da mais sólida esperança, a da participação na glória de Deus.

Estas duas dimensões da vida cristã são sintetizadas no hino cristológico da carta aos Filipenses (Fl 2,6-11). Nele, a vida de Cristo é resumida em seu duplo movimento de abaixamento e exaltação e apresentada como modelo da vida cristã (Fl 2,5). Se o cristão tem sua existência definida por sua relação com Cristo (Rm 14,7-8; Gl 2,20; Fl 1,21), o sofrimento, a dor e a morte estão também eles ligados estreitamente à sua vida. Não, porém, como simples padecer, como um ser vítima dos acontecimentos sobre os quais não se tem controle, mas como oportunidade de crescer em comunhão com Cristo, não só superando o desânimo que deles pode advir (2Cor 12,7; Ef 3,13) mas

também considerando-os motivo de alegria (2Cor 1,16; 8,2; Fl 1,27; Cl 1,24) e mesmo uma graça (Fl 1,29; 2Tm 3,13).

Além disso, como a cruz de Cristo tem sentido na sua relação com a glória¹¹, de modo análogo o sofrimento humano recebe seu sentido último na sua relação com “a glória futura que deverá revelar-se em nós” (Rm 8,18; também 2Cor 1,5-6; Fl 3,10; Hb 12,2-10; 1Pd 4,1-2; 5,1). Sofrimento e glória se conectam: “sofremos com ele para com ele sermos glorificados” (Rm 8,17). Por sua ligação com Cristo, o sofrimento marca a autenticidade do ser cristão, sendo uma parte do caminho para a felicidade definitiva (FITZMYER, 1992, p. 506; CRANFIELD, 1994, p. 410). A dor assumida em união com Cristo não possui só uma dimensão humana, mas deve ser considerada também em sua ligação com o mistério pascal de Cristo, que passou pela dor como caminho necessário para chegar à glória (Lc 24,26). Glória que é, no pensamento paulino, o próprio Deus, a expressão de sua divindade (1Tm 6,16). Não sempre patente nas vicissitudes cotidianas e por isso devendo ser “revelada”. Mas que será participada pelo cristão cuja vida foi marcada pela união com Cristo.

Conclusão

A situação criada pela pandemia representa uma forte interpelação à consciência humana e evoca perguntas profundas acerca da existência própria, dos relacionamentos familiares e sociais mais amplos, dos modelos de condução da vida social, do sentido da vida humana em suas diversas dimensões e do modo como conduzi-la, enfim, da realidade do sofrimento e da morte. Muitos se recusam a pensar e buscam, numa fuga da realidade, ultrapassar tais questionamentos, agindo como se o problema não existisse, ignorando mesmo o choque de realidade que lhe vem ao encontro a cada dia; outros buscam responsáveis pela situação, de modo a calar em si mesmo as questões existenciais de fundo que a situação impõe. Para tantos, todavia, surge com mais ênfase a necessidade de pensar o sofrimento e seu sentido e o modo de enfrentá-lo.

A Sagrada Escritura espelha esta busca humana, e a revelação divina vem ao seu encontro. Respeitando até certo ponto

11 Como bem o expressa a partícula grega *διό* (Fl 2,9) que une a primeira parte do hino cristológico (Fl 2,6-8), com o tema do abaixamento de Cristo, e a sua segunda parte (Fl 2,9-11), que expressa a exaltação (PERETTO, 1993, p. 374).

condicionamentos culturais, coloca também as sementes que permitem o desabrochar paulatino de uma resposta que consiga realmente dar um sentido à vida humana e, com isso, à dor e à morte.

Se o Livro de Jó apresenta diversas possibilidades de se explicar o sofrimento no mundo, particularmente o que recai sobre o justo, evidencia igualmente que a razão humana por si só é incapaz de atinar com o seu sentido. Ao mesmo tempo, o desenrolar da temática na obra mostra que, à questão do sofrimento, subjaz a pergunta acerca de Deus. Não só a pergunta acerca de sua existência, mas aquela que surge ao se crer num Deus que é amor e que, contudo, permite que o mal exista. Ainda sem resolver o problema, o livro, todavia, coloca a base para desenvolvimentos posteriores: Deus é transcendente, inacessível ao homem por suas próprias forças, mas Ele mesmo se comunica e lhe vem ao encontro. Esse encontro, que não respondeu diretamente aos questionamentos do protagonista do livro, abriu-lhe, contudo, uma comunhão que tirou Jó do centro para nele colocar Deus e sua providência.

Tal comunhão ocorreu de forma máxima na encarnação do próprio Filho de Deus. Tornando-se plenamente humano, nele subsiste, a um tempo, o Amor divino e a condição humana que assume concretamente o sofrimento e a morte. É assim que em Cristo Jesus o enigma do sofrimento foi vivido em sua total profundidade, ele que, na cruz, vivenciou a distância que o pecado cria entre o homem e Deus (Mt 27,46). Mas seu sofrimento e morte foram superados definitivamente pelo fato de sua ressurreição, que evidencia a meta da história do mundo e do indivíduo e que é capaz de dar significado a todas as vicissitudes humanas. Com Cristo, o sofrimento, todo sofrimento humano, recebeu um sentido: como caminho para a glória num mundo marcado pelo mal e pelo pecado.

Mas também a novo título a cruz-ressurreição de Cristo confere sentido ao sofrimento: enquanto Ele cria em si um corpo, a Igreja, no qual todos os membros, unidos a Ele e Nele, estão também unidos entre si. Todo sofrimento implica, assim, uma dimensão eclesial, seja pela participação de todos na dor de cada um – “se um membro sofre, todos sofrem com ele” (1Cor 12,26) – seja porque, em Cristo, pode servir ao bem de todos.

Se a vida comunitária e social é elemento inalienável da existência humana e se a pandemia, vivida nesses anos, em contrapartida, exigiu

isolamento e implicou solidão, pela fé esses limites podem ser relativizados ou até superados. Pois a união num único corpo de Cristo é algo absolutamente real. O “Pai nosso” põe em relevo a profunda comunhão entre todos os que rezam a um mesmo Pai.

Evidenciando a vulnerabilidade de todos, independentemente de sua origem, condição social, cultura e religião, a situação pandêmica permite perceber existencialmente a importância da comunhão eclesial e, nesse sentido, aponta para o tema da sinodalidade, providencialmente ressaltado pelo Magistério do Papa Francisco. Assim, permite perceber a importância da Igreja como povo de Deus e corpo de Cristo, na interdependência de todos para o bem de todos, na legítima diferenciação (que inclui diversidade de estados, funções, carismas e configurações a Cristo cabeça/membros), e no necessário enraizamento de cada um em Cristo. Dessa maneira, o tema da sinodalidade e o cultivo do sentido de pertença à comunidade eclesial mostram sua especial importância e oportunidade na atual situação humana. A Igreja em sua comunhão, realizada em seus diversos âmbitos (Igreja universal, dioceses, paróquias, comunidades, famílias...), é sinal e lugar privilegiado da realização da redenção operada por Cristo e, assim, do Amor do Pai, única realidade capaz de dar sentido à dor e à morte. Só a relação vital com o amor de Deus, manifestado plenamente em Cristo, permite integrar o sofrimento num sentido que ultrapassa a história. Amor esse que se deve expressar concretamente na unidade do Povo de Deus.

Referências

ALLETTI, J.-N. *Lettera ai Colossesi*. Bologna: Dehoniane, 1994.

ANDERSEN, F.I. *Jó*. Introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 2008.

ARAÚJO, E. *Escrito para a eternidade*. A literatura no Egito faraônico. Brasília: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000.

CARBAJOSA, I. “Ahora te han visto mis ojos” (Job 42,5). El encuentro con Dios en la historia, clave para desvelar el misterio del sufrimiento. In: MARTÍNEZ CAMINO, J.A. (Org.). *La fe en tiempos de pandemia*. De la utopía a la esperanza. Madrid: Ediciones Encuentro, 2021, p. 58-80.

CORDOVILLA PÉREZ, A. La cruz, salvación del Dios de la historia. Teología de la cruz y pandemia actual. In: MARTÍNEZ CAMINO, J.A. (Org.). *La fe en tiempos de pandemia*. De la utopía a la esperanza. Madrid: Ediciones Encuentro, 2021, p. 81-98.

COX, D. *Man's Anger & God's Silence*. The Book of Job. Middlegreen: St. Paul, 1990.

CRANFIELD, C. E. B. *The Epistle to the Romans*. Edinburgh: T&T Clark, 1994.

FITZMYER, J. A. *Romans*. New York: Doubleday, 1992.

FURNISH, V.P. *II Corinthians*. New York: Doubleday, 1984.

HAAG, E. Sufrimientos. In: KASPER, W. (Org.). *Diccionario enciclopédico de exégesis y teología bíblica*. Barcelona: Herder, 2011, p. 1520-1522. V. 2.

JOÃO PAULO PP. II. *Carta encíclica Salvifici Doloris* (11 de fevereiro de 1984) (SD). Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/1984/documents/hf_jp-ii_apl_11021984_salvifici-doloris.html. Acesso em: 19 abril 2022.

PERETTO, E. Lettere dalla prigionia. In: ROSSANO, P. et al. (Org.). *Lettere di San Paolo*. Cinisello Balsamo, Milano: Paoline, 1993, p. 351-494.

PRITCHARD, J.B. (Org.). *Ancient Near Eastern Texts Relating to the Old Testament with Supplement (ANET)*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1969.

SIMIAN-YOFRE, H. *Sofferenza dell'uomo e silenzio di Dio nell'Antico Testamento e nella letteratura del Vicino Oriente Antigo*. Roma: Città Nuova, 2005.

SCHWIENHORST-SCHÖNBERGER, L. Das Buch Ijob. In: ZENGER, E. (Org.). *Einleitung in das Alte Testament*. Stuttgart: Kohlhammer, 2004, p. 335-347.

SCHWIENHORST-SCHÖNBERGER, L. *Um caminho através do sofrimento*. O livro de Jó. São Paulo: Paulinas, 2011.

TERRIEN, S. *Jó*. São Paulo: Paulus, 1994.

VILCHEZ LÍNDEZ, J. *Sabedoria e sábios em Israel*. São Paulo: Loyola, 1995.

Artigo recebido em 06/09/2022 e aprovado para publicação em 21/09/2022

Como citar:

LIMA, M. L. C. O enigma do sofrimento humano: reflexões a partir dos dados bíblicos. *Coletânea: Revista de Filosofia e Teologia da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 42, p. 353-372, jul/dez. 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.31607/coletanea-v21i42-2022-3> Disponível em: www.revistacoletanea.com.br